

Pedro Major, Diretor Executivo e Financeiro da INSIGNARE

“35 anos, quase 5.000 alunos formados e uma taxa de empregabilidade que ronda os 100%”

A Escola Profissional de Ourém (EPO) celebrou na sexta-feira, 17 de outubro, 35 anos de ensino profissional, com uma cerimónia no Centro Municipal de Exposições, reunindo alunos, ex-alunos, professores, colaboradores, parceiros e entidades públicas, numa celebração marcada por um percurso em que os resultados falam por si: 4.951 alunos formados, mais de 1.000 colaboradores envolvidos ao longo do tempo e quase 100% de empregabilidade nas várias áreas de formação. Pedro Major, ex-aluno da escola e, hoje, Diretor Executivo e Financeiro da INSIGNARE, entidade que tutela a EPO e a Escola de Hotelaria de Fátima (EHF), recorda o seu próprio percurso enquanto aluno e partilha, nesta entrevista, a visão de quem acompanhou a EPO, praticamente, desde a sua fundação até aos dias de hoje

CARLA PAIXÃO

35 anos de ensino profissional em Ourém é um marco significativo. Enquanto ex-aluno da EPO e atual diretor executivo e financeiro da INSIGNARE, como é que vive esta celebração?

Digo frequentemente, e com muito orgulho, que fui aluno da Escola Profissional de Ourém. Faço parte da segunda turma da escola. Acompanhei, praticamente, o seu nascimento e, de certa forma, nunca mais saí daqui. Estava no 11.º ano do curso Científico-Humanístico, sem grande motivação, não sabia muito bem o que andava ali a fazer. Não gostava de estudar. Foi o professor Avelino Subtil que me convenceu, a mim e ao meu pai, a mudar para um curso profissional. E foi aí que tudo mudou.

E O QUE É QUE MUDOU?

Percebi, finalmente, o sentido daquilo que estava a aprender, que tudo tinha uma aplicação prática, concreta, ligada ao mundo real. E isso fez toda a diferença no meu percurso. Passados estes anos todos, vejo que valeu a pena. Por isso, gosto de dar o meu exemplo. E outros, também. Sempre que reencontro antigos alunos que chegaram aqui sem grandes expectativas ou autoconfiança, e os vejo agora bem posicionados no mercado de trabalho, realizados, transformados, isso é, para mim, a maior recompensa.

É essa a primeira missão das escolas profissionais?

Ajudar os alunos a construir um projeto de vida?

A grande missão das nossas escolas [EPO e EHF] é formar técnicos capazes de entrar diretamente no mercado de trabalho, após a conclusão dos cursos. Mas, primeiro, temos de os ajudar a descobrir as suas aptidões e demonstrar-lhes que aquele caminho faz sentido. Muitos alunos, que inicialmente tinham pouca afinidade com disciplinas mais teóricas, como Português ou Matemática, acabam por se descobrir em cursos técnicos como metalurgia, eletrónica ou mecânica. É nesse momento que percebem a aplicação prática da Matemática, por exemplo, e é isso que desperta o seu interesse e entusiasmo. Depois, mais facilmente, aliam a teoria à prática.

Esse modelo de ensino-aprendizagem prepara os alunos, especialmente, para o mercado de trabalho e explica o conceito de “Escola-Oficina”?

Sim. O nosso conceito de Escola-Oficina aposta numa componente prática forte — os alunos começam a “meter as mãos na massa” desde o primeiro dia. Isso é altamente valorizado pelas empresas e, a verdade é que, muitos têm emprego garantido logo após concluírem o 12.º ano. Mas, também temos um número crescente de alunos que opta por prosseguir estudos no ensino superior. A taxa de transição para a universidade é bastante elevada, o que comprova que o ensino profissional não fecha portas, pelo contrário, multiplica oportunidades.

“

Infelizmente, ainda existe a ideia de que o ensino profissional é um ensino de segunda linha para alunos de segunda categoria. Eu não consigo perceber porquê

É referida uma taxa de empregabilidade a rondar os 100%. É um número impressionante.

É um número redondo e fantástico. Atualmente, a empregabilidade dos nossos alunos ronda, mesmo, os 100%, nas diferentes áreas de formação e, aqui, incluímos também os que prosseguem estudos no ensino superior. Porque esse número também entra para os cálculos da taxa de empregabilidade. Diria que, cerca de 20% dos nossos alunos continuam a estudar depois de concluírem o percurso no ensino profissional.

Podemos depreender que a percentagem de alunos que não prossegue estudos superiores se deve, em grande parte, ao facto de o mercado de trabalho ser tão recetivo e atrativo logo à saída do curso?

Sim. Repare que uma das áreas onde temos menos alunos a prosseguir estudos superiores é a da metalurgia e mecânica, mas isso não significa desinteresse, muito pelo contrário. A explicação é simples: a empregabilidade é extremamente elevada e os salários são bastante atrativos. O mesmo se aplica à cozinha e restauração, onde, durante anos, a ampla oferta e os salários competitivos levaram muitos alunos

a começar a trabalhar logo após o curso. Muitos jovens não sentem necessidade de continuar a estudar porque conseguem, desde cedo, estabilidade profissional e financeira.

O acesso ao ensino superior por parte dos alunos do profissional tem sido tema de debate. Considera que esta via de acesso está, hoje, devidamente clarificada e que oferece condições de equidade, face às restantes modalidades de ensino?

Temos assistido a progressos importantes, como a definição de quotas por algumas instituições de ensino superior para alunos do ensino profissional, o que é positivo. No entanto, persistem alguns desajustes, especialmente ao nível dos exames nacionais, que nem sempre estão alinhados com os currículos técnicos destes alunos. Muitas vezes, são avaliados em matérias que não fazem parte do seu percurso formativo. A boa notícia é que já está em curso a adaptação destes exames aos currículos profissionais, o que permitirá nivelar as condições de acesso. Quando esta medida estiver totalmente implementada, poderemos falar, verdadeiramente, de igualdade de oportunidades para os alunos do ensino profissional.

No que diz respeito aos alunos que entram diretamente no mercado de trabalho, em que áreas se inserem maioritariamente?

De forma geral, os alunos acabam por integrar-se nas áreas de formação onde se especializaram. Na escola de Fátima, temos muitos ex-alunos a trabalhar nas áreas da hotelaria, cozinha, restauração e turismo. Já na escola de Ourém, há uma forte presença no setor da mecatrónica automóvel, metalurgia e mecânica, eletrónica, informática e design. Um exemplo interessante é o curso de Técnico de Gestão. Foi o primeiro que oferecemos e, ainda hoje, mantém uma taxa de empregabilidade total. No fundo, a taxa de inserção profissional é muito elevada em todas as áreas que oferecemos. A escola adaptou-se às necessidades das empresas, à procura de mão de obra qualificada que existia na região e foi crescendo segundo essas necessidades.

Perante este cenário, como é que se explica o estigma que persiste relativamente ao ensino profissional em Portugal?

Não se explica nem se entende. Infelizmente, ainda existe a ideia de que o ensino profissional é um ensino de segunda linha, para alunos de segunda categoria. Eu



não consigo perceber porquê. Os nossos alunos têm competências técnicas muito elevadas e saem para o mercado de trabalho com preparação sólida. São extremamente competentes e, muitas vezes, superam largamente as expectativas.

Ainda assim, ainda paira essa percepção negativa...

Acho que é uma questão cultural e social, profundamente enraizada. Durante muito tempo, valorizou-se sobretudo quem estava num escritório, num ambiente controlado, sem frio, sem calor, sem barulho. Profissões técnicas foram sendo vistas como menos prestigiantes, apesar de hoje muitas dessas profissões oferecerem salários mais atrativos e perspectivas de carreira mais sólidas. Posso dar exemplos concretos: tivemos alunos nossos que se tornaram campeões em competições internacionais, como na área da cozinha, um deles chegou a campeão mundial no Campeonato das Profissões. Isso é altamente prestigiante. Mas, pouco valorizado...

Porque, quando se aponta ao prestígio profissional, na generalidade, fala-se em médicos, advogados, professores... é isso?

Infelizmente, sim. Culturalmente, ainda se atribui mais prestígio a profissões como médico, advogado ou professor. Mas, a verdade é que, isso já não corresponde à realidade do mercado. Muitos desses profissionais, especialmente os professores, não são assim tão bem remunerados. Temos ex-alunos dos cursos profissionais que, em poucos anos, já estão a ganhar mais do que os professores que os ensinaram. Isto mostra que a valorização de uma carreira não pode estar apenas ligada ao "título", mas sim ao impacto, à utilidade e à procura dessas funções na economia atual. É uma mudança de mentalidade que precisa de tempo, mas que os próprios resultados do ensino profissional estão a ajudar a acelerar. E o mercado também vai ajudar a regular isso tudo.

O financiamento continua a ser um dos principais obstáculos para o ensino profissional. Que desafios específicos enfrenta a IN-SIGNARE nesse campo?

O financiamento é um dos maiores desafios que enfrentamos. Após a crise da Troika, os valores atribuídos às escolas profissionais foram reduzidos e, só recentemente, parcialmente repostos, sem acompanhar a inflação e o aumento dos custos tecnológicos. Para além dos salários e funcionamento, é necessário investir em equipamentos caros e avançados, como máquinas que

podem chegar aos 300 mil euros. Para fortalecer o ensino profissional, é essencial garantir financiamento adequado, maior flexibilidade administrativa e investimento contínuo em tecnologia.

Quais são as principais prioridades da INSIGNARE em termos de investimento para os próximos anos?

Uma das nossas prioridades é retomar o investimento em equipamentos técnicos, essenciais para uma formação prática de excelência. No início da década de 2010, conseguimos realizar várias atualizações significativas, mas, nos últimos anos, esse ritmo abrandou. Isso inclui também a formação dos professores, para que utilizem esses recursos de forma eficaz. Acompanhamos com atenção o avanço da Inteligência Artificial, já muito presente entre os alunos, e é crucial que os docentes também acompanhem essa evolução.

E relativamente ao alargamento da oferta formativa, há projetos nesse sentido?

Aguardamos com atenção a publicação do novo Catálogo Nacional de Qualificações, prevista até ao final do ano letivo 2025/2026, que trará mudanças importantes nas ofertas formativas. Assim que estiver disponível, avaliaremos quais as qualificações mais relevantes para a região. Uma área que gostaríamos muito de retomar é a Construção Civil, mas, infelizmente, a falta de candidatos tem impedido a abertura de turmas — apesar das boas condições de trabalho e das remunerações atrativas atualmente associadas ao setor.

Uma das marcas distintivas da EPO e da EHF é a forte participação em projetos internacionais, como o programa Erasmus...

Sim, somos dos operadores mais

fortes do Erasmus, a nível nacional. Durante muitos anos, enviámos cerca de 100 alunos, por ano, para estágios no estrangeiro. Chegou um ponto em que sentimos que era demais — bonito, sim, mas também temos de atender às entidades nacionais. Agora, estabilizámos em cerca de 50 alunos, por ano, e essa tem sido a média nos últimos anos.

No dia 17 de outubro, a EPO assinalou 35 anos de história, distinguiu alunos e profissionais. E destacou também, os números redondos que ajudam a contar a sua história...

Celebrámos os 35 anos, sim, mas sobretudo homenageámos professores, reconhecemos o percurso dos nossos alunos e, acima de tudo, vivemos um momento de orgulho coletivo. A cerimónia representou o que somos enquanto comunidade educativa. Uma equipa. E depois, os números dizem o resto. Em 35 anos, temos quase 5.000 alunos formados (para ser exato, 4.951). E orgulhamo-nos de dizer que, praticamente, 100% estão inseridos no mundo do trabalho ou prosseguiram estudos. São números que falam por si. Quanto a colaboradores, passaram por aqui mais de 1.000 pessoas, ao longo dos anos, em todas as valências. Portanto, temos motivos para celebrar.

E como é que foi vivido esse momento?

Quando temos uma plateia de 600 pessoas, sendo 400 jovens, entre os 16 e os 20 anos, é natural alguma apreensão. Pensamos sempre: "Isto pode correr mal, tudo pode acontecer" [Risos]. Mas a verdade é que correu muito bem. Os alunos estavam envolvidos e isso é o melhor indicador de que tudo correu como devia.

Um dos momentos simbólicos da cerimónia foi, precisamente, a distinção dos alunos que se destacaram ao longo do ano, com a entrega dos diplomas de "Aluno do Mês" e "Aluno do Ano". Que critérios orientam a atribuição destes prémios?

Os critérios são vários. Os alunos não são apenas distinguidos pela sua prestação académica, que é importante claro, mas também pela sua evolução pessoal e social. Trata-se de cultivar a ambição saudável e o sentido de pertença à comunidade escolar. A ideia é motivar os alunos para que ofereçam o seu melhor todos os dias, enquanto estudantes, enquanto pessoas e também enquanto seres sociais que são.

Falando no aluno do ano, neste caso da EPO, houve um momento curioso. Esse jovem não estava nada à espera de ser chamado ao palco, pois não?

Precisamente pelo que referi, ser Aluno do Mês ou Aluno do Ano não é só uma questão de desempenho académico. É também uma valorização da atitude, do compromisso, do contributo positivo para a vida da escola. Este aluno, em particular, está sempre disponível, sempre presente, é alguém que vive a escola de forma ativa. Para ser sincero, nem sei se foi o melhor aluno em termos de médias ou resultados. Isso, no fundo, nem importa. Porque, no conjunto das qualidades que procuramos valorizar, ele foi, sem dúvida, uma escolha mais do que merecida. E o facto de ele ter ficado genuinamente surpreendido, só mostra a humildade e a autenticidade com que vive o seu percurso.

Foram também reconhecidos professores e colaboradores com 30 anos de serviço...

Sim. Ter 30 anos de casa não é brincadeira. É uma vida dedicada ao ensino e essas pessoas merecem ser reconhecidas pela sua dedicação. Se a EPO apresenta resultados e se os alunos têm sucesso, é muito graças à resiliência destes profissionais, que são de facto extraordinários.

Outro momento especial foi a homenagem a David Catarino. Porquê agora?

Porque era o momento certo. O Dr. David Catarino tem uma ligação profunda à nossa história. Enquanto Vice-Presidente da Câmara e vereador da Educação, fez parte dos órgãos sociais da escola e foi sempre um apoio firme à direção de então. Mais tarde, como Presidente da Câmara, teve um papel decisivo no desenvolvimento da escola. Percebeu a importância do ensino profissional para o concelho e não hesitou em investir. Graças à sua visão, temos hoje as instalações em Ourém, com 50% do investimento pago pela Câmara, e foi também ele quem iniciou o processo de aquisição do Seminário dos Monfortinos, em Fátima, para instalar a Escola de Hotelaria e o Conservatório de Música. Aceitou a homenagem com simplicidade e ficou muito feliz. E nós também.

Para terminar, que mensagem gostaria de deixar aos alunos e ex-alunos da EPO?

Há algo que costumo dizer quando falo com os nossos jovens, e que aqui também se aplica: 'façam o favor de serem felizes'. Se estivermos bem com as escolhas que fazemos, com o nosso caminho, tudo o resto vem por acréscimo. É isso que constrói um futuro com sentido, ter objetivos e trabalhar para os alcançar.

